

“NUNCA VI CRISE TÃO GRAVE”

É como o ministro do Planejamento, João Batista de Abreu, está definindo a situação.

“Nunca assisti momentos tão graves como os que estamos vivendo”, afirmou ontem o ministro João Batista de Abreu, do Planejamento, ao concluir que o governo não tem escolha: ou corta investimentos e custeio ou enfrenta o impasse. Citando sua experiência de quatro anos de serviço público, Abreu disse que a crise decorre diretamente da deterioração “sem precedentes” da poupança pública e agora, apesar do custo político, a única alternativa que resta é cortar fundo.

As observações do ministro foram feitas em reunião com os secretários estaduais do Planejamento, em Brasília. Segundo a exposição de Abreu, o País não deve contar com recursos externos e a única forma de se conseguir um “crescimento modesto” nos próximos anos será com a recuperação financeira do setor público. João Batista de Abreu confessou-se “extremamente preocupado” com a situação do País, frisando que “apesar do custo político, não há outro caminho a não ser cortar custeio e inves-



Abreu: saída é cortar fundo.

José Paulo

timentos”. (Ver discurso de Sarney na página 6.)

O ministro do Planejamento disse que com os níveis atuais de inflação, o orçamento virou uma “peça de ficção” e defendeu a sistemática de indexar o orçamento de acordo com as despesas. Mas Abreu garantiu que o governo pretende encaminhar ao Congresso, até o dia 31 de agosto, uma proposta orçamentária transparente para 1989.

“Nunca houve um debate sobre o orçamento”, ele disse. Agora, pelas próprias disposições aprovadas na Constituinte, o Congresso vai poder discutir as prioridades do governo para o ano seguinte. Essa transição de um orçamento fechado para um orçamento aberto vai levar a União a abrir mão de inúmeras ações que hoje estão pulverizadas em seu orçamento geral. Haverá uma nova partilha de receitas e atribuições com a promulgação da Constituição e o ministro defendeu essa descentralização. “O Estado gasta melhor do que a União e os municípios melhor e mais barato”, observou Abreu.